

O teste de Camdessus no FMI

por Paulo Sotero
de Washington

(Continuação da 1ª página)

diante da ameaça de uma guerra comercial entre os Estados Unidos e o Japão e o problema da dívida dos países em desenvolvimento é dramatizado pela decisão do Brasil de suspender os pagamentos de juros aos bancos.

São problemas que apenas complicam o desafio que Camdessus tem pela frente, de redefinir o papel do FMI, uma instituição que, aos 42 anos de idade, se encontra numa encruzilhada. "Existe um crescente consenso de que há um monte de coisas quebradas na economia mundial e que o fundo deveria ser um dos organismos responsáveis pela descoberta da solução", diz o economista Alan Stoga, da empresa de consultoria do ex-secretário de Estado Henry Kissinger. "O fundo talvez tenha de redefinir sua própria razão de ser."

No que depender de Camdessus, de 53 anos e pai de seis filhos, o caminho da redefinição já existe, foi parcialmente pavimentado pelos recentes acordos com o México e a Venezuela e mostra uma única direção: a de demonstrar que, ao contrário do que pressupõe a imagem pública da instituição, o fundo pode e deve ser flexível e apoiar programas de ajustamento voltados para a promoção do crescimento econômico — e não da recessão.

Procurando enfatizar esse ponto, Camdessus surpreendeu seu próprio staff durante um seminário sobre coordenação de políticas de ajustamento, que o FMI promoveu um conjunto com o Banco Mundial, em fevereiro passado, ao afirmar que não permitiria "que os programas do fundo se tornem camisas-de-força" para os governos dos países que recorrem à sua assistência.

A determinação de Camdessus em mudar a imagem do fundo não deve ser confundida, contudo, com leniência. Da mesma forma que ele planeja, nesta semana, intensificar a pressão sobre os países industrializados, especialmente os Estados Unidos, o Japão e a Alemanha, para que eles adotem as medidas de ajustamento necessárias para corrigir os desequilíbrios que põem em perigo a atual fase de expansão da economia mundial, o novo diretor do FMI pedirá aos países endividados que assumam responsabilidade por suas próprias ações e parem de usar o FMI como bode expiatório, vendendo em seus países os conselhos técnicos que solicitam da instituição como parte de uma

política de ajustamento que é vista como "um mal necessário".

Ele afirmará seu apoio ao Plano Baker, pois acha que a iniciativa do secretário do Tesouro dos Estados Unidos colocou o debate sobre a dívida no rumo certo, que é o de crescimento. E, na moldura do Plano Baker, defenderá uma diversificação das soluções para o problema da dívida, com a ressalva de que todas as soluções devem ser orientadas pelo mercado.

Perdão de dívida e empréstimos em condições concessionais são possibilidades que o diretor-gerente do FMI considera apropriadas apenas para os países mais pobres, especialmente os da África. Ele deverá indicar, assim, sua rejeição à idéia de renegociação dos débitos que países de renda média têm com o fundo (este ano e em 1988 o Brasil, por exemplo, tem de devolver à organização mais de US\$ 2 bilhões em amortizações e juros de empréstimos contraídos em 1983 e 1984) e recusa a noção de que o FMI, por estar recebendo de volta mais do que empresta, tornou-se mais parte do problema do que da solução do problema da dívida.

Aos bancos, ele aconselhará que façam mais, pois estarão atendendo, assim, não apenas aos interesses

dos países devedores, mas a seus próprios interesses.

Camdessus também dirá aos ministros das Finanças de 23 países que se reunirão em Washington, a partir de amanhã, que só acredita em políticas de ajustamento desenhadas pelo próprio país, e que levem em conta os constrangimentos políticos e sociais domésticos. O novo diretor do Fundo, a cuja origem (ele nasceu na Gasconha, junto à fronteira espanhola) muitos atribuem seu espanhol fluente (ele compreende 100% e arranha o português) e uma inusitada (num super-burocrata francês) sensibilidade para o lado humano de qualquer problema, preocupa-se especialmente o que é visto com o progresso de "satanização" que o FMI sofreu no Brasil.

"Camdessus precisa tanto do Brasil quanto o Brasil precisa do Camdessus", observa um alto funcionário de um organismo internacional. "O governo brasileiro teria sua vida imensamente facilitada se recorresse à assistência do fundo. E é irônico e de certa forma lamentável que não o faça, pois Funaro apoiou abertamente a candidatura de Camdessus para a direção do fundo, contra Ruding, e, o Brasil, juntamente com a Argentina, o México e a Índia, acabou dando os votos que desem-

pataram a disputa a seu favor."

Camdessus, nota a fonte, tem também interesse político na reaproximação do Brasil com o fundo, "pois sabe que sua ambição de definir um novo papel e mudar a imagem do FMI só será realizada de forma plena com o Brasil, que é o maior devedor e, de todos, o país que tem, de longe, mais condições para combinar ajustamento e crescimento econômico".

Como sabe que, pelo menos por ora, não contará com o Brasil, Camdessus provavelmente enfatizará, no encontro desta semana, os programas que o México e a Argentina negociaram com o auxílio do fundo. E, em ambos os casos, ele parece estar convencido de que o ajustamento será compatível com uma taxa de crescimento da ordem de 4% neste ano.

O desafio que o diretor gerente do fundo tem pela frente é, a todos os títulos, hercúleo. Para complicar a vida, ele precisa primeiro afirmar sua liderança junto ao "staff" do fundo, um tradicional fortim da ortodoxia e do imobilismo, e terá de exorcizar as dúvidas que suscita, especialmente em Washington, por ter brilhado durante um governo socialista, tendo chegado a presidente do Banco da França.

Mas, em seu país, Camdessus não é considerado um aliado do Partido Socialista e, aliás, de partido algum. Por sinal, ele foi convocado para ajudar a consertar os estragos causados pela política expansionista do primeiro governo socialista formado pelo presidente François Mitterrand.

"Camdessus chegou ao topo sem ter tido seu nome ligado a qualquer filiação política", atestou recentemente, Maurice Armand, especialista em euromercado do Crédit Lyonnais. "Michel é tão político que ele conseguiu vender a imagem de que não é político", afirmou outro banqueiro.

Formado pela Escola de Ciências Políticas — e não pela Escola de Administração, de onde saíram tradicionalmente os ocupantes dos postos de comando na área financeira, na França —, Camdessus traz para o FMI uma novidade também em seu estilo de operação. "Eu desejo beneficiar-me de seus diagnósticos e de suas receitas", disse ele, recentemente, durante uma reunião com o "staff" da organização. "Eu estou aqui para aprender com vocês."

Enfatizando a disposição de Camdessus para o diálogo, na qual alguns banqueiros franceses vêem seu

"ponto fraco", Bruno Maulde, presidente do banco Crédit du Nord e ex-diretor executivo da França no FMI e no Banco Mundial, fixou uma importante diferença entre o novo diretor do fundo e seu antecessor imediato, o também francês Jacques de Larosière, que deixou o cargo para assumir a presidência do Banco da França (aberto com a eleição de Camdessus para o Fundo). "Larosière tratava dos problemas procurando, primeiro, encontrar a solução correta e, depois, vendê-la aos interessados", disse Maulde. "Camdessus não começa pela solução. Em lugar disso, ele incentiva as partes envolvidas e interessadas a encontrarem uma solução por elas mesmas".

"É muito gratificante, quando você começa uma discussão, ter a impressão de que não está perdendo seu tempo e que a solução não está pronta", atesta outro banqueiro francês, Gilbert Lasfarques, presidente do conselho de administração do Banco Vernes et Commerciale, que tratou com Camdessus inúmeras vezes, quando este dirigia o Banco da França. "Raramente as pessoas que estão em posições de comando de fato ouvem, ou, quando o fazem, ouvem o que já pensavam. Camdessus ouve", disse Lasfarques.